

PROJETO DE LEI SUBSTITUTIVO AO CM N° 051- 04.2020

Denomina de Rua Antônio Fialho de Vargas, a Rua Projetada, sem nome, localizada no encontro da BR 386 com a Rua Bento Rosa, até a rotula da Rua projetada como continuidade da Rua Capitão Leopoldo Heineck, no Parque Dr. Ney Santos Arruda, localizado no Centro Histórico do município de Lajeado, RS.

MARCELO CAUMO, Prefeito Municipal de Lajeado, Estado do Rio Grande do Sul,

FAÇO SABER, que a Câmara de Vereadores aprovou e eu sanciono e promulgo a seguinte Lei:

Art. 1º É denominada de Rua Antônio Fialho de Vargas, a Rua Projetada, sem nome, localizada no encontro da BR 386 com a Rua Bento Rosa, até a rotula da Rua projetada como continuidade da Rua Capitão Leopoldo Heineck, no Parque Dr. Ney Santos Arruda, no Centro Histórico do Município de Lajeado, RS, conforme indicado no mapa em anexo, que passa a integrar esta Lei.

Art. 2º Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Sala Presidente Tancredo de Almeida Neves, 24 de novembro de 2020.

Ildo Paulo Salvi

Vereador

JUSTIFICATIVA

Estamos propondo homenagear com a denominação de uma rua de nossa cidade Antônio Fialho de Vargas, “o fundador da Colônia dos Conventos e da Cidade de Lajeado. Filho de Manuel Fialho de Vargas (de Faial, nos Açores) e Maria Inácia de Jesus, nasceu Antônio em Gravataí, em 15-9-1818.

Casado com Maria Inácia da Conceição (nascida em 13-1-1821, em Gravataí, falecida em 17-8-1881, em Lajeado, filha de Inácio Antônio Dutra e Fabiana Francisca da Conceição).

O casal tinha os nove filhos: Justina, casada com Américo Pinto Viana; Porcínia, que se tornou Irmã Maria Coleta; Francisca Inácia, que se tornou Irmã Maria Clara de Santo Estanislau e que deu origem ao nome de Santa Clara do Sul; Bernardina, que se tornou Madre Bernardina da Imaculada Conceição; André, padre jesuíta; Pedro, padre jesuíta; Joaquim, casado com Isaura Pereira; Ana Maria, casada com Antônio Joaquim Fialho de Vargas e Antônio Fialho de Vargas Filho, casado com Josefina de Azambuja. A partir do 5º filho, todos nasceram em Lajeado.

Com seu primo João Batista Soares da Silveira e Souza e tio Manuel Fialho de Vargas formou com 50% a sociedade Batista & Fialho Companhia, em 1853.

Fialho de Vargas foi o gerente desta empresa imobiliária, formada para se usufruir dos incentivos da nova Lei das Terras, de 1850. Sabendo dos interesses do governo provincial em estabelecer no Vale do Taquari uma colonização de iniciativa privada, a empresa adquiriu de José Inácio Teixeira Júnior ou Juca Inácio as antigas Fazendas dos Conventos e Lajeado ou Carneiros, falidas e abandonadas desde 1824. Foram divididas em lotes coloniais e vendidas a colonos teuto-brasileiros ou imigrantes alemães.

Talvez, por ter ele se transferido com a família para cá, Antônio Fialho de Vargas deu a data de 20-3-1855 como fundação da Colônia dos Conventos, com sede no Paredão, ao lado do antigo Cemitério dos Bugres, hoje Bairro de Carneiros. Entretanto, como a temida Cachoeira do Lajeado, defronte à antiga sede da Fazenda do Lajeado ou Carneiros, não permitia a ultrapassagem de barcos maiores para o seu pequeno “porto” junto ao Paredão, mandou construir um porto logo abaixo desta cachoeira, cujo leito é coberto de lajes, na foz do Arroio Lajeado, hoje Arroio ou Canal do Engenho.

Ao mesmo tempo, em 1862, mandou construir na margem direita deste pequeno arroio um engenho de serrar madeira e moinho. Um decênio depois, vendo que junto ao Porto de Lajeado estava surgindo um povoado, com o nome de Santo Inácio dos Conventos, demoliu seu sobrado em Conventos Velhos, ergueu um novo prédio, sobrado de dois pisos, nas proximidades do porto, junto à estrada que ligava o seu Engenho ao próprio Porto.

Destinou uma área para uma Igreja, Casa Paroquial, Escola e Praça, dando a origem ao núcleo urbano de Lajeado, elevada à sede do 2º Distrito de Paz de Estrela, em 29-3-1875 e Paróquia Santo Inácio, instalada em 31-7-1881.

Perdendo a esposa algumas semanas depois, desentendeu-se com algumas lideranças, transferindo-se para Estrela.

Vendeu o seu sobrado, em 1885, quando preferiu morar em Taquari, onde havia mais recursos para se recuperar de males e doenças.

A família dos Fialho de Vargas era tradicionalmente muito religiosa. Como a lei permitia e era costume secular em todo território brasileiro, os Fialho de Vargas tinham muitos escravos. No inventário da falecida mulher, em 1881, havia 19 escravos, todos alforriados até 1884. Aos escravos e seus familiares alforriados ou libertos (pela Lei do Ventre Livre e Lei dos Sexagenários) ensinavam a religião, batizavam as crianças, das quais várias foram suas afilhadas, aprendiam o catecismo, faziam sua Primeira Comunhão e legitimavam seus casamentos. Não havia capela só para escravos, vivendo na mesma comunidade, o que explica não existir em Lajeado tradição de culto religioso afro-brasileira.

Antônio participou também da vida política. Para o quadriênio 1873-1877, na Câmara de Vereadores de Taquari foi o 6º mais votado, com 733 votos. Para o quadriênio 1881-1883 foi o 6º mais votado, recebendo 265 votos em Santo Amaro e 234 em Taquari. Faleceu em 18-7-1895, em Taquari, de onde seus restos mortais podem ter sido trasladados por sua família a Porto Alegre, cuja pesquisa ainda deve ser feita.”

Obs.: A biografia do homenageado foi escrita pelo historiador José Alfredo Schierolt.

Justificamos, que Antônio Fialho de Vargas não tem nenhuma homenagem, sendo que a rua Fialho de Vargas foi nominada em favor de Joaquim Fialho de Vargas, sétimo filho do patriarca.

Portanto solicitamos a compreensão e apoio dos nobres vereadores para a aprovação desta justa homenagem.

Ildo Paulo Salvi

Vereador